

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que entregamos ao público êste estudo sôbre “Administração Geral e Relações Industriais na Pequena Empresa Brasileira”. Trata-se do quarto de uma série de cinco relatórios que tratam da problemática administrativa das empresas nacionais de pequeno porte.

A pesquisa da qual resultou o material aqui analisado foi realizada no início de 1964 pelo Centro de Pesquisas e Publicações da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) que, para tanto, recebeu assistência financeira da Fundação Ford, da Fundação Getúlio Vargas e da Organização dos Estados Americanos. A essas organizações, aos 155 empresários por nós entrevistados em São Paulo, Salvador e Pôrto Alegre, e à equipe de dezesseis professores da EAESP, da Escola de Administração da Universidade da Bahia e do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas do Rio Grande do Sul, que participaram do projeto, apresentamos o nosso preito de reconhecimento e gratidão.

Ao publicar esta obra, dentro do plano de pesquisas e publicações da EAESP, estamos convencidos de que vamos ao encontro de uma das mais graves deficiências de nossa literatura especializada, qual seja a falta de informações sôbre as práticas administrativas das empresas brasileiras.

Enquanto que o ensino da administração na América do Norte começou mais ou menos na época em que HENRY FORD experimentava com a linha de montagem, no Brasil ela se inicia na idade do computador eletrônico e da produção automática. As poucas escolas que estão empenhadas no ensino da Administração em nosso País se defrontam com uma defasagem de conhecimentos realmente alarmante. Ao mesmo tempo em que somos obrigados a tomar conhecimento das grandes conquistas no campo dos Métodos Quantitativos e da utilização das Ciências Sociais em Administração, sentimos-nos emperrados com a falta de informações e de literatura sobre a realidade nacional. A grandeza e a complexidade da economia brasileira estão a exigir o desenvolvimento urgente de uma literatura em Administração aplicada ao nosso meio. Se, de um lado, existem organizações brasileiras utilizando métodos modernos de programação da produção com a utilização da computação eletrônica, defrontamo-nos também com um grande número de empresas em que nem sequer técnicas elementares de controle são conhecidas. É bastante precário o conhecimento que temos das instituições brasileiras e das suas relações com o governo, da estrutura mercadológica do País, da estrutura financeira e fiscal e da organização interna das empresas. Somente as reformas radicais ocorridas nos últimos anos implicariam na reformulação de um grande número de práticas administrativas.

Se as observações acima são válidas para o conjunto das empresas nacionais, muito mais grave é a situação referente às pequenas empresas. Como os leitores poderão constatar durante a leitura desta obra, os pequenos empresários brasileiros proporcionam um exemplo magnífico de iniciativa e engenhosidade e oferecem uma demonstração viva de sua importante missão no sistema econômico. Apesar disso e embora contribuam com cerca de 30% da renda nacional e ultrapassem cem mil em número, as pequenas empresas nacionais vem sendo, praticamente, ignoradas na literatura especializada. Por outro lado, só recentemente é que as autoridades governamentais tomaram a iniciativa de amparar o pequeno empresário com a criação do FIPEME — Fundo de Financiamento das Pequenas e Médias Empresas. Tornava-se claro, portanto, que uma obra como a presente se impunha.

A observação da problemática da pequena empresa e o exame de suas funções numa sociedade industrial, permitem-nos visualizar três grupos de organizações de pequeno porte:

- Empresas que são pequenas e devem permanecer pequenas em vista do processo produtivo que utilizam e do tipo de produto que fabricam. São aquelas indústrias em que o esforço artesanal é importante e a produção em série impossível.
- Empresas que são pequenas e precisam crescer para sobreviver numa sociedade competitiva. Trata-se de empreendimentos aos quais falta amparo técnico e financeiro para pleno desenvolvimento.
- Empresas que são pequenas e não têm possibilidades de desenvolvimento, pois são mal nascidas e estruturalmente “doentes”. Para esse tipo de empresas a assistência técnica e financeira pouco poderá contribuir.

É principalmente aos dois primeiros grupos de empresas que dedicamos este estudo. Esperamos, assim, contribuir para que, através do aperfeiçoamento de métodos e procedimentos, possam elas desempenhar plenamente suas funções na sociedade brasileira e contribuir para o desenvolvimento econômico do País.

ORLANDO FIGUEIREDO

DOLE A. ANDERSON

Co-Chefes do Centro de
Pesquisas e Publicações
da EAESP